



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

ARTHUR MARQUES JORGE

A RELIGIÃO COMO FATOR CIVILIZATÓRIO NO EGITO ANTIGO

Tubarão

2018

ARTHUR MARQUES JORGE

A RELIGIÃO COMO FATOR CIVILIZATÓRIO NO EGITO ANTIGO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Alexandre de Medeiros Motta, Msc.

Tubarão

2018

ARTHUR MARQUES JORGE

A RELIGIÃO COMO FATOR CIVILIZATÓRIO NO EGITO ANTIGO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Tubarão, 26 de novembro de 2018.

Professor orientador, Alexandre de Medeiros Motta, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Mário Cezar de Oliveira Cardoso, Esp.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Claudio Damasceno Paz, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho:

Aos meus pais, Luiz e Janete, que me apoiaram e proporcionaram as oportunidades.

Ao professor, Alexandre de Medeiros Motta, em especial, pela orientação, competência, sabedoria e confiança depositada.

A todos aqueles que contribuíram das mais variadas formas para a concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador, Alexandre de Medeiros Motta, por sua atenção mesmo nos momentos mais difíceis do trabalho.

Aos professores, Mario e Claudio, por terem prontamente aceitado participar da banca examinadora do presente trabalho.

Aos meus pais, Luiz Carlos Jorge e Janete Marques Jorge, que me incentivaram e contribuíram para a concretização desta etapa.

Aos colegas da turma de História que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu conseguisse alcançar meus objetivos durante os estudos no curso de História.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (ARTHUR SCHOPENHAUER).

RESUMO

O tema da presente monografia consiste no seguinte título: A religião como fator civilizatório no Egito Antigo. E, para corroborar com a natureza do tema proposto e motivar a investigação lançou-se a seguinte questão-problema: Que análises pode-se fazer sobre a influência da religião na formação da civilização egípcia? Com base nisso, justifica-se essa pesquisa, em decorrência de que a religião sempre esteve presente na história da humanidade, gerando espaços, objetos, símbolos, comportamentos, ritos, mitos, arte, entre outros, cada um desses elementos trazendo um conjunto de informação sobre a crença dos povos e sua forma de entender e interpretar as experiências da vida. O Egito, inúmeras vezes estudado, por diversas perspectivas, que por meio desse trabalho que reuni algumas informações sobre crenças, ritos e práticas registradas por esse povo e que podem ser resgatadas pela arqueologia e demais estudiosos na área, vem sendo revelado pela perspectiva do sagrado. Destacamos culto as sepulturas, os objetos e animas sagrados que representavam os deuses, o culto aos deuses, a crença no deus único, o simbolismo dos atos sociais e construções; os centros religiosos e suas respectivas cosmologias, a crença na ordem cósmica, a crença no ciclo da natureza, em como entendiam a divisão dos mundos criados, e finalizamos com o entendimento sobre a relação intrínseca entre a religião e o cotidiano social egípcio.

.

Palavras-chave: Religião egípcia, Egito Antigo, Vida pós-morte, Civilização.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Egito e da Núbia.....	12
Figura 2 - A Pedra de Palermo.....	13
Figura 3 - O Papiro de Turim.....	14
Figura 4 - Antiga escrita hieroglífica egípcia.....	22
Figura 5 - Arando e semeando (Reinado Novo)	23
Figura 6 - Irrigando com o shaduf (Reinado Novo)	26
Figura 7 - Colheita de cereal e colheita de linho (Reino Antigo)	24
Figura 8 - Hieróglifos egípcios na parede do Templo de Hórus, no Egito.....	31
Figura 9 - Arte egípcia no Museu Egípcio do Cairo – Estelas Funerárias.....	32
Figura 10 - Amon - O oculto.....	33
Figura 11 - Anúbis (deus dos mortos)	34
Figura 12 - Atum.....	34
Figura 13 - Hórus (deus solar e dos céus)	35
Figura 14 - Isis (deusa da fertilidade)	35
Figura 15 - Osíris - O deus da vid.....	36
Figura 16 - Ptah-Vulcano J. F. Champollion, Panthéon Égyptien, 1823.....	37
Figura 17 - Seth - O deus do caos.....	37
Figura 18 - Thoth - O deus do conhecimento e sabedoria.....	38
Figura 19 - Geb e Nut–Papiro de Wespatriashouty no Museu do Louvre – Paris.....	39
Figura 20 - Nut e Geb separados por Shu (The Gods of the Egyptians por E. A. Wallis Budge)	39
Figura 21 - Estátua de Imhotep que está no museu do Louvre.....	41
Figura 22 - Imagens de animais sagrados.....	42
Figura 23 - Crocodilos mumificados, expostos no Museu dos Crocodilos em Kom Ombo, ao lado das ruínas do Templo de Sobek.....	43
Figura 24 - Ícone milenar de granito com a imagem de um crocodilo. Hoje, no museu em Kom Ombo.....	43
Figura 25 - KA.....	49
Figura 26 - BA.....	49
Figura 27 - Pesagem do coração de Hunefer (19ª dinastia) – British Museum.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	9
1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	9
1.3 JUSTIFICATIVA.....	9
1.4 OBJETIVOS.....	10
1.4.1 OBJETIVO GERAL.....	10
1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
1.5 ORGANIZAÇÃO DO PLANO CAPITULAR.....	10
2 A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA NA ANTIGUIDADE ORIENTAL	11
3 CRENÇAS, MITOS E SIMBOLISMOS NO EGITO ANTIGO.....	32
4 CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda os elementos que compõe a etapa inicial do trabalho, desde a delimitação do tema até a organização capitular.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A religião é um elemento presente no cotidiano dos egípcios antigos: na família, na sociedade, na política, nas guerras e nos trabalhos. Ela inspirava as normas impostas. Assim, pode-se dizer que os egípcios eram estritamente religiosos. Com base no exposto, apresenta-se a seguinte delimitação temática de pesquisa: **A religião como fator civilizatório no Egito Antigo.**

1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Os deuses egípcios possuíam poderes específicos e atuavam na vida das pessoas. Por isso, essa civilização nos deixou inúmeros vestígios da sua religiosidade em edificações, como templos, pirâmides, hipogeus, escultura, relevo e pintura. Sendo assim, destaca-se a seguinte pergunta central: **Que análises pode-se fazer sobre a influência da religião na formação da civilização egípcia?**

1.3 JUSTIFICATIVA

A religião, no Egito Antigo, foi marcada por crenças, mitos e simbolismos. Eles faziam rituais e oferendas, com o fim de agradar aos deuses, conseguindo ajuda em suas vidas. Nessa civilização, a prática religiosa era muito valorizada, sendo que os rituais e cerimônias ocorriam em várias de suas cidades. Parecia que os egípcios respiravam religião a todo instante.

Havia deuses com o corpo formado por parte humana e parte de animal sagrado. Anúbis, por exemplo, deus da morte, tinha cabeça de chacal num corpo de ser humano.

Os gregos que visitavam o Egito não cabiam em si de espanto diante do inusitado espetáculo de adoração de carneiros, serpentes, gatos, bois, etc. Em Mênfis cultuava-se o boi Ápis, considera a encarnação de Ptah; em Tebas havia o carneiro de Ámon, em Busíris o bode de Osíris, em Faium o crocodilo de Sebek, em Bubástis a gata da Bástis, nos templos de Hórus, o

falcão, nos de Hathor, a vaca, nos de anubis, o chacal,etc. (GIORDANI, 1983).

No Egito Antigo foram construídos diversos templos, em homenagem aos deuses. Cada cidade possuía um deus protetor. A crença na vida pós morte era marcante na religião egípcia. De acordo com esta crença, o morto seria julgado no Tribunal de Osíris. O coração era pesado e, de acordo com o que havia feito em vida, receberia um julgamento. Para os bons, haveria a graça do paraíso, para os negativos, Ammut devoraria o coração.

Como se observa, são vários os motivos que justificam a pesquisa sobre a religião egípcia. Apesar de vários estudos já empreendidos nesse campo, vale a pena rever ou mesmo avançar em alguns aspectos pertinentes a temática proposta no trabalho.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Conhecer, de modo mais específico, sobre a influência da religião na formação da civilização egípcia.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Contextualizar a formação do Egito como civilização.
- b) Descrever peculiaridades da religião egípcia, evidenciando crenças, mitos e simbolismos.
- c) Discutir a religião como elemento central e civilizatório do Egito Antigo.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO PLANO CAPITULAR

O desenvolvimento do presente trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, descreve-se a localização do Egito, bem como seu povoamento, e sua consolidação como civilização, tendo como fatores a unificação e a religião. No segundo, analisa-se a religião egípcia, bem como suas peculiaridades, e no seu decorrer desenvolveu-se apontamentos e discussões referentes a relação da religião com a sociedade egípcia, e demonstrando a mesma como fator civilizatório.

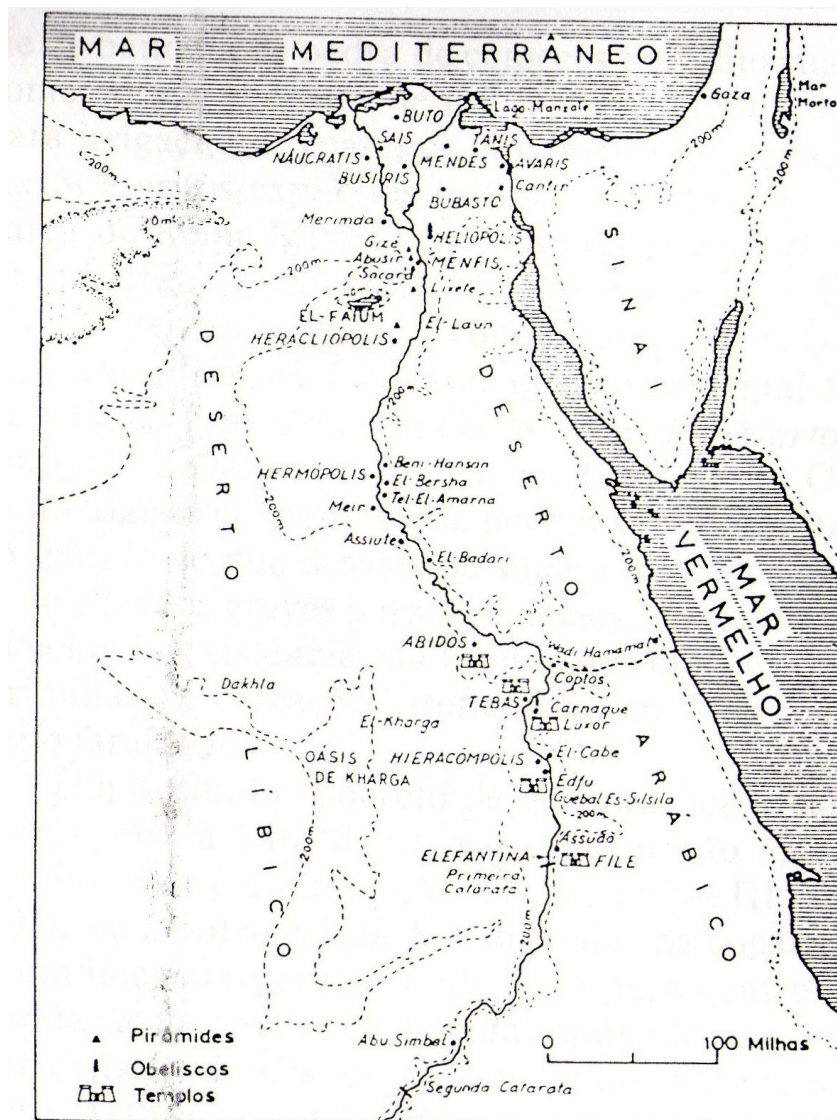
2 A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA NA ANTIGUIDADE ORIENTAL¹

Começamos esta seção com uma pergunta: qual foi a contribuição do Egito Antigo para o desenvolvimento da Humanidade? A resposta é simples: enorme! Em praticamente todas as atividades básicas humanas podemos enxergar a grande importância dessa civilização que temia os deuses e acreditava na vida eterna. Nesse sentido, a seguir, abordamos aspectos que elucidam o contexto da civilização egípcia na antiguidade oriental.

O Egito está localizado em grande parte paralelo às costas do mar Vermelho e do oceano Índico, aos quais tem acesso através de depressões perpendiculares ao curso do rio, o vale do Nilo, ao sul do paralelo 8^o norte até o Mediterrâneo, abre-se amplamente também para oeste, graças aos vales que começam nas regiões do Chade, Tibesti e Ennedi e terminam no próprio Nilo. Finalmente, a larga extensão do Delta, os oásis da Líbia e o istmo de Suez dão-lhe amplo acesso ao Mediterrâneo. Dessa maneira, aberto para leste e oeste, para o sul e o norte, o corredor do Nilo é uma zona de contatos privilegiados não apenas entre as regiões africanas que o margeiam, mas também com os centros mais distantes das civilizações antigas da península Arábica, do oceano Índico e do mundo mediterrâneo, tanto oriental como ocidental. (MOKHTAR, 2010).

¹ A base textual desse capítulo alinha-se com as ideias de Gamal Mokhtar, em sua obra História geral da África, II: África antiga, que se encontra relacionada nas referências.

Figura 1 – Mapa do Egito e da Núbia (o limite entre Egito e Núbia antigos era a localidade de Elefantina, junto à primeira catarata do rio Nilo).



Fonte: Cyril Aldred, *Os Egípcios*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, p. 33.
 (Note-se que nem sempre coincidiremos com as opções em matéria de transcrição de nomes de localidades antigas presentes neste mapa).

O vale do Nilo é tão importante quanto suas fontes históricas, que nos permitem alcançar os conhecimentos dos eventos históricos do Egito, bem como, mais especialmente, fazer uma ideia precisa da cultura material, imaterial, intelectual e religiosa do baixo e médio vale do Nilo, até os pântanos do Bahr el-Ghazal. Podemos destacar duas fontes históricas importantes A Pedra de Palermo e o Papiro de Turim.

A Pedra de Palermo (assim chamada porque o maior fragmento do texto é conservado no museu dessa cidade da Sicília) é uma placa de diorito gravada nas duas faces, com os nomes de todos os faraós que reinaram no Egito desde o começo da V dinastia, por volta de 2450. A partir da III dinastia, a Pedra de Palermo lista não só os nomes dos soberanos na ordem de sucessão, mas também os principais eventos de cada reinado ano a ano.

O Papiro de Turim, preservado no museu dessa cidade, não é menos importante, embora consista apenas em uma lista de governantes, com seus protocolos completos e o número de anos, meses e dias de seus reinados, em ordem cronológica. Fornece uma lista completa de todos os faraós, desde os primeiros tempos até aproximadamente 1200. Embora tenha sido descoberto intacto no século XIX, este documento foi manuseado com tanto descuido por ocasião do transporte que se despedaçou, tendo sido necessário anos de trabalho para a sua restauração. Mesmo assim, existem ainda hoje muitas lacunas. Uma das peculiaridades do Papiro de Turim é o fato de agrupar os faraós em séries. No final de cada série, o escriba acrescentou o número total de anos de reinado dos faraós de cada grupo. Temos aqui, sem dúvida, a fonte das dinastias de Mênaton.

As listas reais dos monumentos, os monumentos mais expressivos da arte egípcia são os túmulos e os templos, que eram divididos em três categorias: Pirâmide (túmulo real destinado ao faraó), Mastaba (túmulo para a nobreza) e Hipogeu (túmulo destinado ao povo).

Figura 2 – A Pedra de Palermo



Fonte: A. H. Gardiner, “The Egypt of the Pharaohs”, Oxford University Press, 1961.

Figura 3 – O Papiro de Turim



Fonte: A. H. Gardiner, “The Royal Canon of Turin”, Oxford, 1954. Foto Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford.

A Pedra de Palermo, o Papiro de Turim e as listas reais dos monumentos tornam-se ainda mais importantes para a história do Egito, se levarmos em conta que os egípcios não adotavam eras contínua ou cíclica, como as de nossos sistemas antes ou depois de Cristo. Sua conta baseia-se na pessoa do próprio faraó; cada data é estabelecida tendo como referência o faraó que reinava no tempo em que o documento foi redigido.

Por exemplo, uma estela poderá trazer a data: “Ano do faraó N, segundo mês de Akhet (estação), oitavo dia”, mas a contagem começa novamente a partir de 1 quando o governante seguinte sobe ao trono. Esse costume explica a importância de se conhecerem os nomes de todos os faraós que reinaram, e a duração de cada reinado, para estabelecer a cronologia. (MOKHTAR, 2010).

Os egípcios, como a maioria dos povos da Antiguidade, parecem ter utilizado o calendário lunar, principalmente para estabelecer as datas das festas religiosas. Mas, ao lado desse calendário astronômico, usavam um outro. Sendo os

egípcios um povo camponês, seu dia-a-dia era fortemente marcado pelo ritmo da vida agrícola: semeadura, maturação, colheita, preparação de novas sementes. No Egito, o ritmo agrícola do vale é condicionado pelo Nilo, e suas mudanças é que fixam as datas das várias operações. Assim, não há nada de surpreendente no fato de que, paralelamente ao calendário religioso lunar, os antigos habitantes do vale utilizassem também um calendário natural baseado na repetição periódica do evento mais importante para a sua subsistência: as cheias do Nilo.

Nesse calendário, a primeira estação do ano, Akhet em egípcio, marcava o começo da enchente. As águas do rio subiam pouco a pouco e cobriam a terra ressecada pelo verão. Os campos permaneciam encharcados durante quatro meses aproximadamente. Na estação seguinte, a terra, que pouco a pouco emergia da inundação, ficava pronta para a semeadura. Era a estação Peret – literalmente, “sair” –, termo que, sem dúvida, faz alusão à terra que “sai” da água e, ao mesmo tempo, à “saída”, ao despontar da vegetação. Terminada a semeadura, o camponês aguardava a germinação e a maturação dos grãos. Na terceira e última estação, os egípcios colhiam e estocavam a colheita. disso, tinham apenas que esperar a nova enchente e preparar os campos para a sua chegada. Essa era a estação Shemu.

É provável que por longos anos, os egípcios tenham utilizado esse calendário. O ano, então, começava quando as águas subiam. A estação Akhet, assim iniciada, durava até a retração das águas, que marcava o início da estação Peret. Esta, por sua vez, terminava quando os grãos amadurecidos estavam prontos para a colheita, marcando o começo da estação Shemu, que terminava somente com o início da nova cheia. Era pouco significativo para o camponês que uma estação fosse mais longa do que a outra; o que importava era a organização do trabalho, que variava de acordo com as três estações.

O Egito, situado na extremidade nordeste da África, é um país pequeno se comparado ao imenso continente de que faz parte. Contudo, aí se originou uma das mais importantes civilizações do mundo. A própria natureza dividiu o país em duas partes diferenciadas: as estreitas faixas de terra fértil situadas ao longo do Nilo, de Assuã até a região do atual Cairo, denominadas Alto Egito, e o extenso triângulo formado no curso de milênios pelos depósitos de limo do rio, que corre para o norte em direção ao Mediterrâneo, região denominada Baixo Egito ou Delta. “Por razões que tanto a história quanto a geografia justificam, é usual distinção entre o baixo Egito, que compreende delta do Nilo e uma pequena porção de vale fluvial

imediatamente ao sul, e o Alto Egito, integrado pela porção do vale do Nilo, ao sul do atual Cairo e ao norte de Assuan.” (CARDOSO, 1988).

O estabelecimento das primeiras populações não se deu sem dificuldade, e deve ter havido uma disputa acirrada entre os diferentes grupos humanos pela posse das terras situadas ao longo do Nilo e na região relativamente reduzida do Delta. Somente os mais fortes e capazes teriam sobrevivido. Esses povos vindos do Leste, do Oeste e do Sul pertenciam, sem dúvida, a diversos grupos. Não surpreende que de início os diferentes obstáculos naturais, somado à diversidade das origens, tenham isolado os grupos que se fixaram nos vários territórios ao longo do vale.

Pode-se atribuir a esses grupos a origem dos Nomos, que constituíram a base da estrutura política do Egito no período histórico. No entanto, o Nilo proporcionava um meio de comunicação natural entre as diferentes localidades situadas em suas margens, facilitando o desenvolvimento da unidade linguística e cultural, que acabou por obscurecer as características particulares de cada grupo

A grande realização desse período foi o controle da terra. Instalados inicialmente em afloramentos rochosos acima das planícies de aluvião ou em áreas mais elevadas na orla do deserto, os primeiros egípcios conseguiram clarear o terreno à sua volta tornando-o próprio ao cultivo, drenar os pântanos e construir diques para servir de anteparo às enchentes. Pouco a pouco, descobriram as vantagens da utilização dos canais de irrigação. Tal empreendimento requeria um trabalho organizado em larga escala, o que levou ao desenvolvimento de uma estrutura política local em cada província. Parece que em época remota os Nomos do Delta estiveram organizados em coligações: os Nomos do Oeste eram tradicionalmente ligados pelo culto ao deus Hórus, ao passo que os do Leste tinham por protetor comum o deus Andjty, senhor de Djedu, que posteriormente foi absorvido por Osíris. Sugeriu-se que os nomos do Oeste teriam conquistado os do Leste e formado um reino unido no Egito setentrional. Desse modo, o culto de Hórus como deus supremo prevaleceu em todo o Delta, propagando-se gradualmente até o Alto Egito e destronando Set, o principal deus de uma coalizão de povos daquela região. (MOKHTAR, 2010).

O primeiro evento historicamente importante de que se tem notícia é a união dos dois reinos pré-históricos, ou melhor, a sujeição do Baixo Egito pelo soberano do Alto Egito, denominado Menés pela tradição (embora as fontes

arqueológicas o chamem Narmer). Foi ele o fundador da primeira das trinta dinastias ou famílias governantes, em que o historiador egípcio Mâneton dividiu a longa linhagem de soberanos até a época de Alexandre, o Grande. A família de Menés residia em Tínis, no Alto Egito, o principal centro da província que incluía a cidade sagrada de Abidos. Onde se situa o santuário do deus Osíris.

A cultura do final do período pré-dinástico prevaleceu durante os trezentos anos posteriores à I dinastia, mas com a consumação da unidade política, durante a III e IV dinastia, o novo Estado adquire estabilidade. Isso se dá sob a forma de um novo dogma, segundo o qual o rei egípcio era considerado sobre-humano, verdadeiro deus vivo a reinar sobre os homens. O dogma da divindade do faraó, difícil de definir, teria sido elaborado durante as primeiras dinastias com o objetivo de consolidar um poder único sobre os dois territórios. Poder-se-ia dizer que a partir da III dinastia o chefe do Estado não era um egípcio do Norte ou do Sul, mas um deus vivo.

O faraó encarnava o Estado e era responsável por todas as atividades do país. Além disso, era o sumo sacerdote de todos os deuses, servindo-os diariamente em cada um dos templos. Obviamente, na prática, era-lhe impossível corresponder a tudo o que dele se esperava. Necessitava de representantes para executar suas tarefas divinas, escribas, funcionários nas províncias, generais no exército e sacerdotes nos templos. Embora seu poder fosse teoricamente absoluto, ele não podia, de fato, exercê-lo livremente. Era ele a personificação de crenças e práticas muito antigas que se desenvolveram progressivamente com o passar dos anos. Na realidade, a vida dos reis era tão codificada que estes não podiam passear ou banhar-se sem submeter-se ao cerimonial estabelecido para cada um desses atos, regulado por ritos e obrigações. No entanto, sob suas coroas ricamente ornamentadas, os faraós possuíam, é claro, uma dimensão humana: eram sensíveis ao amor e ao ódio, à ambição e à desconfiança. Durante toda a história do antigo Egito, a arte e a literatura representaram o faraó segundo um ideal estereotipado, sendo, contudo, notável que se tenha chegado a conhecer os reis individualmente, como seres dotados de personalidade própria. (MOKHTAR, 2010)

Sabe-se a exemplo de outros povos contemporâneos, que os egípcios do Neolítico acreditavam que seus deuses se encontravam na natureza e que a Terra e o céu estavam povoados de espíritos. Acreditavam que esses espíritos fixavam sua morada terrestre nos animais, nas plantas ou em qualquer objeto notável por seu

tamanho ou forma. Com o passar do tempo, porém, deixaram de considerar os animais ou os objetos como deuses e gradualmente passaram a acreditar que se tratava da manifestação visível ou da morada de uma força divina abstrata. O animal ou objeto escolhido como a manifestação visível de um deus tanto podia ser um animal útil e amigo, como a vaca, o carneiro, o cachorro ou o gato, quanto um animal selvagem e temível, como o hipopótamo, o crocodilo ou a cobra. Em cada um desses casos, os egípcios rendiam homenagem e ofereciam sacrifícios a um único espécime na Terra. Adoravam a vaca, porém a abatiam para se abastecer de carne. Também adoravam o crocodilo, mas o matavam para se defender.

Os gregos que visitavam o Egito não cabiam em si de espanto diante do inusitado espetáculo de adoração de carneiros, serpentes, gatos, bois, etc. Em Mênfis cultuava-se o boi Ápis, considera a encarnação de Ptah; em Tebas havia o carneiro de Ámon, em Busíris o bode de Osíris, em Faium o crocodilo de Sebek, em Bubástis a gata da Bástis, nos templos de Hórus, o falcão, nos de Hathor, a vaca, nos de anubis, o chacal, etc. (GIORDANI, 1983).

Trata-se de deuses locais, deus supremo em seu próprio domínio e senhor incontestável do território, com uma exceção, o deus local de uma cidade em que o chefe de um grupo chegasse ao poder tinha precedência sobre os demais. Se o chefe ascendesse ao trono e estabelecer ou consolidar a unificação dos reinos do Sul e do Norte, o deus local seria promovido a deus oficial de todo o país.

Além disso, os primeiros egípcios viam forças divinas no Sol, na Lua, nas estrelas, no céu e nas cheias do Nilo. Deviam temer suas manifestações visíveis e impressionar-se com a influência que exerciam, pois os adoravam e os consideravam deuses poderosos: Rá ou Rê, o Sol, Nut, o céu, Nun, o oceano, Shu, o ar, Geb, a Terra, e Hapi, a cheia. Essas divindades eram representadas sob forma humana ou animal, e seu culto não se limitava a uma localidade específica. As deusas também desempenhavam papel decisivo na religião, sendo objeto de grande veneração. Contudo seu número provavelmente não excedia a doze, embora algumas, como Hátor, Ísis, Neith e Bastet, não deixassem de ser importantes em todo o país. Via de regra, Hátor era associada a Hórus, e Ísis, a Osíris; Neith era a deusa protetora da capital pré-histórica do Delta, e Bastet (a deusa-gata) alcançou grande popularidade após a II dinastia, no décimo oitavo nome do Baixo Egito. (MOKHTAR, 2010).

Em nenhuma outra nação antiga ou moderna, a ideia de uma vida após a morte desempenhou papel tão importante e influenciou tanto a vida dos crentes

como no antigo Egito. A crença no além foi sem dúvida favorecida e influenciada pelas condições geográficas do Egito, onde a aridez do solo e o clima quente asseguravam uma notável conservação dos corpos após a morte, o que deve ter estimulado fortemente a convicção de que a vida continuava no além-túmulo.

O calor seco do alto Egito contribuiu poderosamente para a conservação de objetos até mesmo fáceis de perecerem como, por exemplo, pedaços de linho. Já no clima úmido do delta impediu a permanência de inúmeros vestígios de antiga civilização. O calor do verão é temperado no Egito por frequentes rajadas de vento norte que os antigos egípcios chamam de doce sopro do vento norte. (GIORDANI, 1983).

No decorrer da história, os egípcios vieram a acreditar que seus corpos encarnavam diferentes elementos imortais. Um deles era o Ba, representado por um pássaro com cabeça de homem, traços idênticos aos do defunto e braços humanos. O Ba adquiria vida com a morte do indivíduo; as preces recitadas pelo sacerdote que presidia as cerimônias fúnebres, juntamente com o alimento oferecido, ajudavam a assegurar a transformação do morto em Ba ou alma. O segundo elemento, conhecido como Ka, era um espírito protetor que adquiria vida com o nascimento de uma pessoa. Quando o deus Khnum, o deus-carneiro de Assuã, moldou os seres humanos a partir do limo, criou dois modelos para cada indivíduo, um para seu corpo e outro para seu Ka. O Ka era a imagem exata do homem e permanecia com ele por toda a vida, mas passava para o além antes dele.

O corpo, dizia o egípcio, era habitado por um duplo de nome Ka, e também por uma alma que pousava no corpo como um passarinho na árvore. Todos os três corpos, Ka e alma – sobreviviam a morte, enquanto o cadáver não desaparecesse na dissolução; mas, se chegavam a Osíris limpos de pecados, iam viver eternamente no “Campo Feliz de Alimento” - jardins celestes da maior abundância e segurança. (DURANT, 1963).

Era para servir ao “Ka” que os egípcios proviam fartamente seus túmulos do que chamamos “mobiliário funerário” um sortimento completo de tudo o que o proprietário possuía em sua morada terrena. Embora o Ka permanecesse a maior parte do tempo dentro do túmulo, segundo se acreditava, podia também deixá-lo. Desse modo, a necrópole era a morada dos Kas assim como a cidade era o lugar dos vivos. Outro elemento importante era o “Ib”, o coração, considerado o centro das emoções e a consciência do indivíduo. Era o guia das ações durante sua vida terrena. O quarto elemento era o “Akh”, que os egípcios acreditavam ser um poder divino ou sobrenatural, adquirido apenas após a morte. As estrelas que brilhavam no

céu eram os Akhs dos mortos. Finalmente, havia o corpo propriamente dito, o “Khat” ou invólucro externo, que perecia, mas podia ser embalsamado a fim de conservar-se adequadamente para compartilhar com o Ka e o Ba a vida eterna do além-túmulo. (MOKHTAR, 2010).

Além das ideias sobre a vida futura no túmulo e na necrópole, os egípcios desenvolveram pouco a pouco outras concepções relativas à eternidade e ao destino reservado ao Ba. Duas dessas teorias, a solar e a osiriana, difundiram-se amplamente. A princípio acreditava-se que o faraó morto, sendo de essência divina, residia com os deuses; era identificado tanto com o deus-Sol (Hórus ou Rá) quanto com Osíris. Com o passar do tempo, essa concepção foi adotada pelos nobres influentes durante o Médio Império, e mais tarde por todos os egípcios, independentemente do nível social.

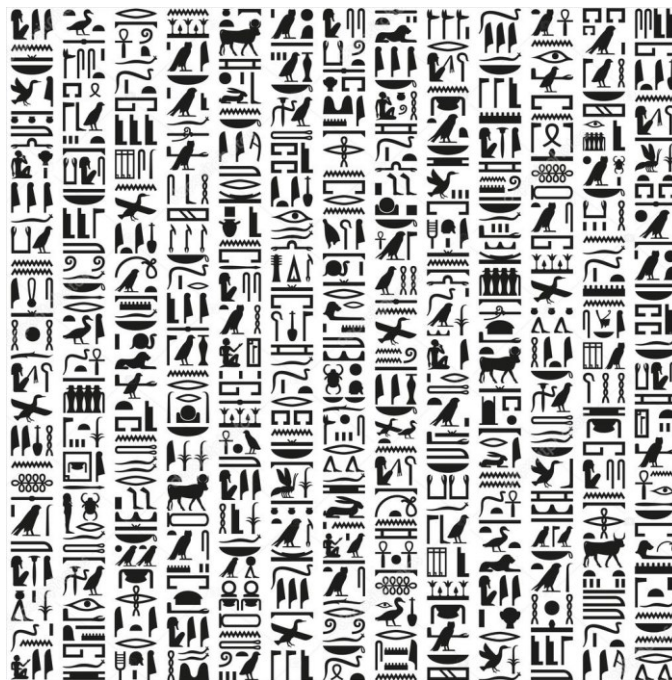
Tudo isso transparece nos textos mortuários, cujas versões mais antigas preservadas são os chamados “Textos das Pirâmides”, escritos em hieróglifos nas paredes das câmaras funerárias da pirâmide do rei Unas, o último faraó da V dinastia, e na pirâmide de um da VI dinastia. Com a apropriação dos “Textos das Pirâmides” pelos chefes locais e régulos do Primeiro Período Intermediário, e posteriormente pelos nobres do Médio Império, grande parte das fórmulas mágicas e dos rituais foi eliminada, modificada ou recomposta de modo a adaptar-se às pessoas comuns. Esses textos, geralmente conhecidos como “Textos dos Sarcófagos”, em sua maioria eram inscritos em escrita hieroglífica cursiva nas superfícies internas dos caixões retangulares típicos do Médio Império, os títulos com tinta vermelha e o resto do texto com tinta preta.

No Novo Império, a maior parte das fórmulas dos “Textos dos Sarcófagos”, assim como inúmeras estrofes novas, eram escritas em rolos de papiro e colocadas junto aos corpos mumificados. Os textos, com cerca de duzentas estrofes, são denominados O Livro dos Mortos. Mas esse título é até certo ponto enganoso, na verdade, nunca existiu um “livro” desse gênero; a escolha das estrofes escritas em cada papiro variava segundo o tamanho do rolo, a preferência do adquirente e a opinião do sacerdote-escriva que as transcrevia. Um “Livro dos Mortos” médio, continha entre quarenta e cinquenta estrofes. Além desse livro, os sacerdotes do Novo Império compuseram e popularizaram vários outros “livros” funerários, escritos em papiro ou inscritos nas paredes dos túmulos, entre os quais se incluíam o que se conhece como o “Livro do Que Está no Inferno” (Imj -Dwat) e o

“Livro das Grandes Portas”, guia mágico que descreve a viagem do Sol pelas regiões subterrâneas durante as doze horas da noite. (MOKHTAR, 2010).

O Egito foi o primeiro país da África a fazer uso da escrita, fundamentalmente pictográfica, como muitas escritas antigas, mas, enquanto na China e na Mesopotâmia, por exemplo, os sinais pictográficos originais evoluíram rapidamente para formas abstratas, o Egito permaneceu fiel ao seu sistema até sua decadência. Todos os objetos ou seres vivos que pudessem ser desenhados eram usados como sinais ou caracteres na escrita egípcia, para escrever a palavra “arpão” ou “peixe” bastava ao escriba desenhar um arpão ou um peixe. São os chamados signos-palavra, porque um único signo é suficiente para escrever a palavra inteira. Este princípio permaneceu em uso durante toda a civilização faraônica, o que possibilitou que os escribas criassem tantos signos-palavra quantos fossem necessários para denotar seres ou objetos desconhecidos no tempo em que o sistema de escrita foi criado; assim, por exemplo, “cavalo” e “carro”. No sistema puramente pictográfico, ações também podem ser representadas através de desenhos. Para escrever os verbos “correr” ou “nadar”, o escriba deveria simplesmente desenhar um indivíduo correndo ou nadando. (MOKHTAR, 2010).

Figura 4 – Antiga escrita hieroglífica egípcia



Fonte: DEPOSITPHOTOS. Antiga escrita hieroglífica egípcia. Disponível em: <<https://br.depositphotos.com/82075044/stock-illustration-ancient-egyptian-hieroglyphic-writing.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.

Uma das forças a impulsionar a invenção e o desenvolvimento da escrita hieroglífica no vale do Nilo foi, sem dúvida, a necessidade que tinham seus habitantes de agir em conjunto e de maneira coordenada no combate aos flagelos que periodicamente os ameaçavam dentre outros, as enchentes do Nilo. Se uma família, um grupo de famílias ou mesmo uma pequena aldeia era impotente para realizar uma proteção eficaz contra a subida inesperada das águas, o mesmo não se podia dizer de grandes grupos humanos agindo em conjunto.

A própria configuração do Egito favorece a criação desses grupos. O vale não tem largura regular em toda a sua extensão. Limita-se, por vezes, ao curso do rio, alargando-se, depois, para formar pequenas bacias. Cada uma dessas bacias naturais constitui uma unidade geográfica, com um potencial agrícola definido. Ao que parece, tenderam rapidamente a se transformar em pequenas unidades políticas, sob a autoridade do maior agrupamento da área, cuja deidade tutelar passava a ser a de toda a comunidade.

Referente a economia, o utilizado sistema só permitia uma colheita por ano, por outro lado, a curta duração do ciclo agrícola liberava grande quantidade de mão de obra para os vultosos trabalhos exigidos pelas construções religiosas e reais. Os antigos também praticavam a irrigação permanente, obtendo água de canais ou bacias escavadas até o lençol subterrâneo. Mas, durante longo tempo, as pernas e os ombros humanos foram as únicas “máquinas” conhecidas para puxar água, sendo a irrigação por meio de valas utilizada somente para os vegetais, árvores frutíferas e vinhas. Por não armazenar água, os egípcios ainda não eram capazes de atenuar as consequências de enchentes anormalmente baixas, que ocasionavam a infertilidade em várias bacias, e de enchentes excessivamente altas, que devastavam as terras e as habitações. O desenvolvimento dos silos e do transporte fluvial, porém, permitiu-lhes assegurar o abastecimento alimentar de uma província para outra ou de um ano para outro. Os rendimentos médios eram bons, os excedentes alimentavam o grande número de funcionários governamentais e os trabalhadores de fábricas de médio porte. As autoridades dos templos e os altos funcionários exerciam poderes de patronato através do controle dos recursos alimentares, que variavam conforme o período.

O pão e a cerveja, feitos de cereais, constituíam a base da dieta, mas a alimentação dos antigos egípcios era surpreendentemente variada. É impressionante a variedade de tipos de bolos e pães relacionados nos textos. Como

ocorre atualmente, as hortas produziam vagens, grão-de-bico e outras leguminosas, cebola, alho-porró, alface e pepino. Nos pomares cultivavam-se tâmaras, figos, nozes de sicômoro e uvas. Também se produzia uma grande variedade de vinhos, com uma viticultura engenhosa, praticada principalmente em diversos pontos do Delta e nos oásis. A criação de abelhas fornecia o mel. O óleo era extraído do sésamo e do nabk; a oliveira, introduzida durante o Novo Império, continuou rara, não sendo seu cultivo muito bem-sucedido. . (MOKHTAR, 2010)

Figura 5 – Arando e semeando (Reinado Novo)

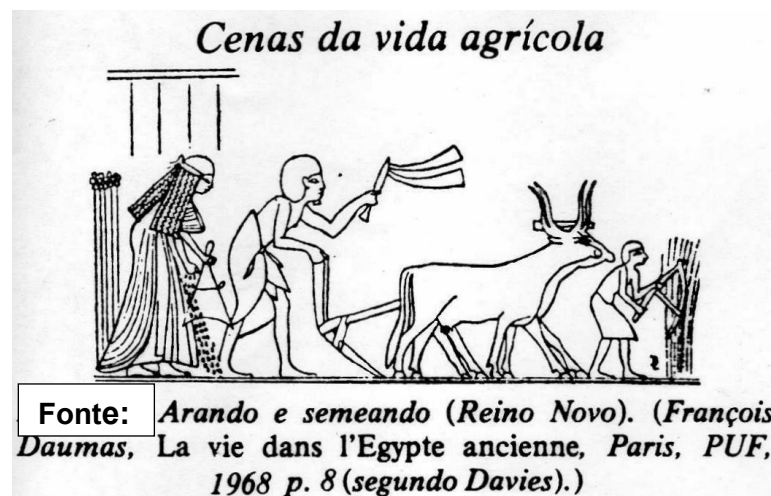


Figura 6 – Irrigando com o shaduf (Reinado Novo)

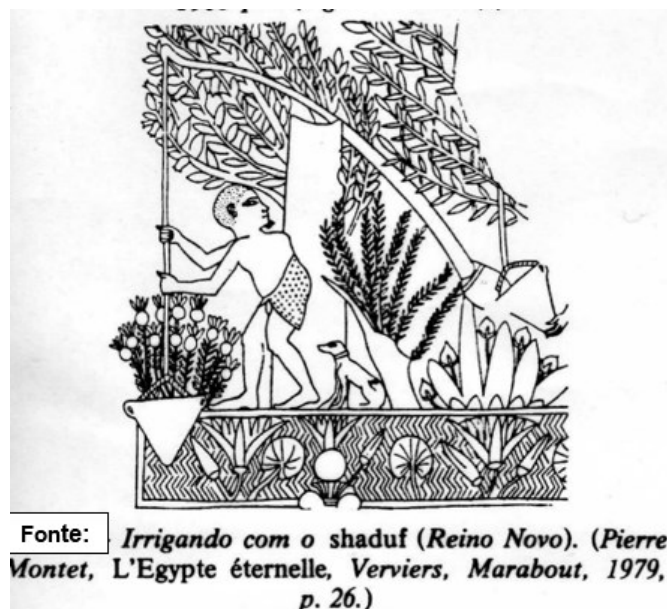
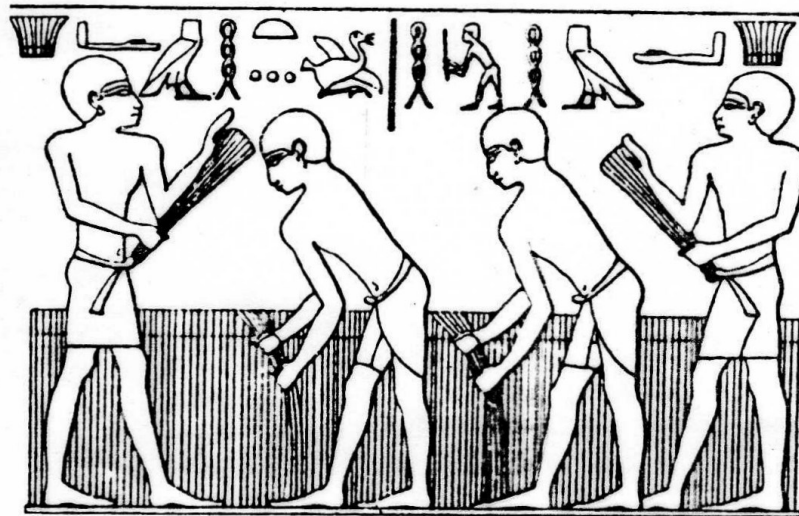
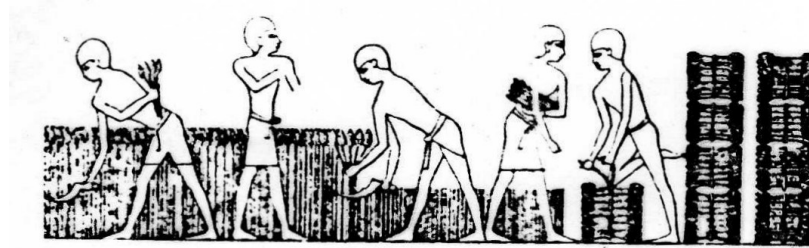


Figura 7 – Colheita de cereal e colheita de linho (Reino Antigo)



Fonte: - *Colheita de cereal e colheita de linho (Reino Antigo)*. (Gustave Jéquier, *Histoire de la civilisation égyptienne*, Paris, Payot, 1930, pp. 182-183 (segundo Lepsius).)

O Egito faraônico transformou todo o vale em terras agrícolas: além dos recursos que extraía dos campos e hortas, explorou também os grandes pântanos e lagos das bordas setentrionais do Delta, as praias do lago Méride, bem como as depressões à beira do deserto e os meandros do Nilo. O Nilo oferecia grande variedade de peixes, pescados com rede de arrastão, nassa para enguias, linha ou cesto.

A agricultura e a criação eram complementadas pela pesca –importante apesar de certas limitações religiosas ao consumo de peixe –, praticado no Nilo, nos pântanos e nos canais com rede, anzol, nassa e arpão. Boa parte dos peixes era secada ao sol. Também a caça era praticada no deserto e nos pântanos, usando-se para tal o cão, o arco e o laço, e capturando-se aves selvagens com redes. (CARDOSO, 1985).

Apesar da proibição de seu consumo em certas províncias ou em determinadas categorias sociais, tinham um lugar definido na dieta popular, que também era suplementada pela coleta de rizomas de ciperácea comestível, polpa de papiro e, a partir do período persa, pelas sementes do loto índico. Finalmente, os pântanos serviam de pastagem para bovinos.

Embora o clima, muito úmido, não fosse particularmente favorável à criação de gado e, em consequência, os rebanhos exauridos tivessem que ser supridos regularmente pela Núbia e pela Ásia, essa atividade tinha uma importância considerável na vida do país e nas concepções religiosas. As mesas dos deuses e dos notáveis deviam ser bem guarnecidas de carne bovina. O corte da carcaça era uma arte refinada, e em geral as gorduras animais eram utilizadas na fabricação de unguentos perfumados. Sabe-se que os egípcios do Antigo Império tentaram criar várias espécies, como órix, antílope, gazela, etc., e até grou e hienas, mas tal prática foi abandonada por consumir excessiva mão de obra, com resultados desapontadores. Mais tarde, os ruminantes do deserto passam a ser, nos provérbios e nos rituais mágicos, o símbolo de criaturas indomáveis. (MOKHTAR, 2010).

Por outro lado, os egípcios conseguiram ótimos resultados na criação de aves domésticas, principalmente o ganso do Nilo. As cabras, tão prejudiciais às escassas árvores do vale, e os carneiros criados nas terras incultas e nas bordas do deserto, juntamente com os porcos, ocuparam um espaço considerável na dieta popular. Os egípcios obtiveram êxito especial na domesticação de duas espécies africanas, intimamente associadas, em nossas representações, ao passado faraônico, e o asno, utilizado desde o período arcaico, não como animal de montaria, mas de carga, e o gato doméstico, que só aparece a partir do fim do Antigo Império e início do Médio Império. (MOKHTAR, 2010).

A importância do deserto residia na variedade de recursos minerais que oferecia: as tinturas verdes e negras do deserto arábico, utilizadas para tratar e embelezar os olhos desde a Pré-História, pedras sólidas e de bela aparência usadas pelos construtores e escultores (calcário fino de Toura, arenito de Silsileh, granito de Assuã, alabastro de Hatnub, quartzito de Djebel el-Ahmar e grauvaca de Hammamat); e pedras semipreciosas, como a turquesa do Sinai ou as cornalinas e ametistas da Núbia. A vitrificação desenvolveu-se muito cedo, estimulando a manufatura de objetos com a aparência da turquesa ou lazurita. (MOKHTAR, 2010).

O Egito do Novo Império aperfeiçoou as técnicas de fabricação de vidro graças aos contatos com a Ásia, adquirindo um domínio acurado do processo. Uma das riquezas que o país extraía das vastas cercanias áridas era o ouro, proveniente do deserto arábico e da Núbia. Símbolo da imortalidade perfeita, esse metal ainda não desempenhava o papel econômico fundamental que iria adquirir em civilizações mais recentes, mas era considerado um símbolo de riqueza e bem mais valorizado do que a prata, embora esta última, metal importado, sempre fosse mais rara e, no Antigo Império, mais preciosa do que o ouro.

As numerosas jazidas de cobre existentes nos desertos eram de teor muito baixo e o Egito logo se tornou dependente do cobre asiático. A Idade do Bronze e posteriormente a Idade do Ferro foram tardias no Egito. O metal era relativamente raro e precioso; a madeira e o sílex substituíram-no com sucesso nos implementos agrícolas, e a pedra dura nos instrumentos para esculpir; os utensílios e armas de metal eram conservados e distribuídos pelos serviços públicos. Embora o antigo Egito tivesse que importar metais e madeira de seus vizinhos asiáticos. (MOKHTAR, 2010).

Os faraós exportavam têxteis (o linho egípcio da época era de uma qualidade inigualável) e papel. O papiro, usado para diversos fins, na confecção de velas, cordas, vestuário, calçados, possibilitou principalmente a fabricação de um suporte muito flexível para a escrita. Esse material era a fonte de poder do escriba e foi muito solicitado no exterior com a expansão da escrita alfabética nas adjacências do Mediterrâneo oriental.

O desenvolvimento dos transportes foi um fator determinante no progresso do regime faraônico. Raramente utilizados, os bovinos eram atrelados ao arado ou ao trenó funerário; o asno, mais resistente e menos exigente, era o animal de carga ideal nos campos e nas trilhas do deserto. O asno, com um rendimento reconhecidamente menor embora fosse conhecida a técnica de utilizá-lo em tropas precedeu e muitas vezes substituiu o camelo, adotado lenta e gradualmente nos campos a partir da época persa. Para o transporte de carga a longa distância, o Egito utilizava o rio e seus canais: as embarcações grandes e pequenas eram rápidas e seguras. As qualidades navegação egípcia possibilitaram tanto a centralização econômica quanto as prodigiosas realizações arquitetônicas (pirâmides, templos gigantescos, colossos, obeliscos). Além disso, mesmo em

tempos muito antigos, barcos à vela percorriam o mar Vermelho e o Mediterrâneo. . (MOKHTAR, 2010).

Para deslocar os pesados blocos de pedra necessários principalmente às construções sagradas, a engenharia faraônica inventou métodos engenhosos, mas de uma simplicidade surpreendente, utilizando, por exemplo, as propriedades derrapantes do limo molhado para deslocar simples trenós sem rodas nem rolamentos, aproveitando a enchente do Nilo para lançar as barcaças carregadas de enormes blocos ou utilizando esteiras de junco como âncora flutuante.

O comércio exterior, a exploração de minas e de pedreiras eram atividades estatais. A maior parte das transações comerciais conhecidas pelos textos envolve pequenas quantidades de mercadorias e é constituída por contratos privados entre particulares; a intervenção de intermediários profissionais, em geral agentes comerciais do rei ou de um templo é rara. De fato, uma investigação do material disponível dá a impressão de que tudo dependia do faraó. Todos os poderes de decisão e todos os recursos materiais pertenciam a o Faraó, ele tinha o dever religioso de assegurar a ordem cósmica, a segurança do Egito e a felicidade de seu povo neste mundo e no mundo pós-morte, não apenas exercendo sua autoridade como rei, mas mantendo o culto aos deuses, o que o levava a partilhar seus privilégios econômicos com os templos. Por outro lado, tanto para celebrar o culto nos templos quanto para administrar os negócios da nação, o faraó, teoricamente o único sacerdote, guerreiro, juiz e produtor, delegava seu poder a toda uma hierarquia de indivíduos; um meio de pagar esses funcionários era ceder-lhes terras, cujas rendas passavam a lhes pertencer.

Na verdade, em todos os períodos o monopólio real dos meios de produção era mais teórico do que prático. Com certeza, as expedições para Punt, Biblos, Núbia e para o deserto à procura de mercadorias exóticas e pedras eram, em geral, enviadas pelo Faraó e conduzidas por funcionários governamentais. A construção dos templos também era função do governo. Na época imperial, o reino de Kush, anexado, e os protetorados palestino e sírio, por exemplo, eram explorados diretamente pela coroa. Já o aproveitamento da terra egípcia não dependia exclusivamente da vontade e da força divina do faraó. Ao lado dos domínios reais havia as terras dos deuses; estes possuíam campos, rebanhos, oficinas, etc. No apogeu do culto a Âmon, o próprio deus podia possuir minas, dispondo de uma hierarquia burocrática própria. O fato de que os deuses por vezes ficassem isentos,

por privilégio real, de certos impostos e taxas significa, em última instância, que os templos eram os “proprietários” de suas terras, do pessoal empregado e dos instrumentos de produção.

Podemos supor que nas aldeias predominava uma economia doméstica e que a parte principal do trabalho no campo era feita pelos homens. Nas cidades-mercado, nos domínios reais e templos, a especialização profissional era bem desenvolvida. As corporações às vezes bastante hierarquizadas de padeiros, ceramistas, arranjadores de flores, fundidores, escultores, desenhistas, ferreiros, aguadeiros, guardas de todos os tipos, guardadores de cães, pastores de ovelhas, de cabras e de gansos, etc. trabalhavam para o Faraó ou para os templos, e o ofício se transmitia de pai para filho. Os artistas e escavadores eram funcionários públicos dirigidos por um escriba real e dois chefes de equipe nomeados pelo soberano. Eram pagos regularmente com cereais, algumas vezes coletados diretamente das rendas de um templo, e rações de peixe, verduras, legumes ou outros alimentos. Trocavam pequenos serviços e bens entre si e administravam sua própria justiça. Seu status era suficientemente elevado e sua posição moral sólida o bastante para que a comunidade pudesse recorrer à greve se houvesse atraso na distribuição de suas rações. (MOKHTAR, 2010).

A organização e a distribuição da produção, o controle da ordem pública e a supervisão de toda e qualquer atividade eram responsabilidade de funcionários públicos sob a autoridade do faraó ou, em períodos de cisma, os chefes locais ou dos templos. Esses funcionários eram recrutados entre os escribas, já que o conhecimento da escrita era a chave de toda erudição e permitia o acesso às técnicas superiores, constituindo, assim, uma fonte usurpada de poder e de bem-estar. Esses escribas, depositários da cultura religiosa e leiga, dominavam todas as atividades profissionais, no Novo Império os altos oficiais do exército eram escribas. Podiam ser engenheiros, agrônomos, contadores ou ritualistas; muitos acumulavam vários cargos. Educados com bastante rigor, professavam um código moral geralmente elevado, carregado de intenções benevolentes, um certo desprezo pela plebe e respeito pela ordem social, considerada como a expressão perfeita da harmonia do universo. Mesmo que evitassem as prevaricações, conforme os princípios que regiam seus serviços, desfrutavam de gratificações proporcionais à sua posição na hierarquia, doações de terras, salários em mantimentos, benefícios sacerdotais deduzidos dos rendimentos regulares dos templos e das oferendas

reais, donativos honoríficos ou presentes funerários recebidos diretamente do soberano. Os que mais se destacavam viviam em grande estilo neste mundo e no pós vida, sua riqueza, e status lhe proporcionava influência sobre os demais. (MOKHTAR, 2010).

As listas de títulos e as genealogias mostram claramente que não havia uma casta de escribas distinta da casta dos guerreiros ou dos sacerdotes. A classe dirigente era única e se confundia com os quadros administrativos. Em geral, todo bom estudante podia ocupar um cargo e ascender na carreira se sua competência e dedicação o distinguissem perante o rei, teoricamente o único árbitro em matéria de promoção social. Contudo era normal transmitir-se aos filhos pelo menos parte das funções.

O ideal da sociedade egípcia, portanto, era uma monarquia forte, considerada como o único meio de dar ao país o impulso necessário ao seu bem-estar. O soberano era a personificação do serviço público: o termo “faraó” vem da expressão “per-ao”, que designava no Antigo Império a “Grande Casa” do príncipe, incluindo sua residência e seus ministérios, e que no Novo Império passou a designar a pessoa do faraó. Este possuía uma natureza diferente do resto da humanidade, as lendas sobre sua predestinação, as cerimônias que acompanhavam suas aparições e decisões, a multiplicação infinita de suas imagens, cartuchos e títulos nos edifícios sagrados, suas celebrações jubilares, o estilo de sua sepultura (pirâmides menfitas, tumbas talhadas tebanas) tudo isso acentuava a diferença. (MOKHTAR, 2010)

A sucessão real apresenta alguns mistérios. Com certeza, era costume que o filho sucedesse ao pai no trono, conforme o modelo mítico de Osíris e Hórus, o protótipo do filho que sepulta o pai e vinga sua morte. Algumas vezes, como na XII dinastia, o princípio da hereditariedade tem como consequência a coroação prematura do sucessor. Mas não se deve pensar que o direito de realeza fundamentava-se apenas na transmissão hereditária masculina por primogenitura. Cada soberano herdava a “realeza de Rá, a função de Shu, o trono de Geb”, sendo assim o sucessor direto dos deuses que criaram e ordenaram o mundo. O rei, predestinado a sua posição, era gerado pelas próprias obras do deus-Sol e, no Novo Império, a designação ou reconhecimento do novo rei pelo oráculo de Âmon era a garantia da legitimidade do novo monarca. (MOKHTAR, 2010)

Na realidade, cada reinado era um reinício. Era o ritual que fazia e mantinha o soberano, e cada vez que ele agia como sacerdote ou legislador, as mesmas purificações, as mesmas funções e os mesmos ornamentos renovavam sua “aparição como rei”. Quatro mulheres tornaram-se faraós, curiosamente, as duas primeiras (Nitócris e Sebeknefru) assinalam o fim de uma dinastia, e as outras duas (Hatshepsut e Tauosré) passaram à posteridade como usurpadoras. (MOKHTAR, 2010).

Como vimos, são várias as contribuições da civilização egípcia para humanidade. Eles construíram edificações complexas, como seus templos feitos de pedra, onde gravavam suas memórias nas paredes, e no mesmo também mumificavam seus mortos para que seus corpos vivessem até a eternidade. Assim, desenvolveram a ciência, a arte e os costumes. Empreenderam descobertas no campo da Astronomia, Matemática, Arquitetura e Medicina, os egípcios não se constituíram simplesmente em um tipo de civilização “menos avançado” que o atual, pois contando com recursos tecnológicos bem menos avançados, eles promoveram feitos, no mínimo, surpreendentes.

3 CRENÇAS, MITOS E SIMBOLISMOS NO EGITO ANTIGO

A religião se fez presente em todas as práticas da vida cotidiana egípcia, na família, na sociedade, na organização política, na economia, na guerra e na cultura. Eram politeístas. Os deuses eram representados de três maneiras: Antropomórfica; Zoomórfica; e Antropozoomórfica. Entre os principais deuses egípcios, temos: Hórus (deus solar e dos céus), Rá (deus sol), Isís (deusa da fertilidade), Anúbis (deus dos mortos), Maat (deusa da justiça) e Bastet (deusa dos gatos e da fertilidade).

Podemos observar a presença dessa manifestação religiosa, em fontes como, as decorações e inscrições nas paredes dos templos, as estelas encontradas nas necrópoles e nos templos, as formulas funerárias de conteúdo mágico destinadas a auxiliarem a alma no além túmulo, os hinos escritos em papiro, em honra as divindades. (GIORDANI, 1983).

Nos hieróglifos, as divindades eram representadas de perfil, já que na concepção dos egípcios, meros mortais, não eram dignos de encararem os deuses de frente. Os egípcios antigos também realizavam rituais e oferendas para os seus deuses. Essa era uma maneira de agradarem tais seres, conseguindo auxílio em suas vidas terrenas.

Figura 8 – Hieróglifos egípcios na parede do Templo de Horus, no Egito



Fonte: DEPOSITPHOTOS. Hieróglifos egípcios na parede do templo de horus, no egito imagens de bancos de imagens. Disponível em: <<https://br.depositphotos.com/62361703/stock-photo-egyptian-hieroglyphs-on-the-wall.html>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Figura 9 – Arte egípcia no Museu Egípcio do Cairo – Estelas Funerárias



Fonte: DESCOBRIR EGIPTO VIAGENS. Arte egípcia no museu egípcio do cairo – estelas funerárias. Disponível em: <<https://www.descobriregipto.com/estelas-funerarias-egipcias/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Dentre as características dessa religião podemos destacar, que o caráter essencial dessa religião e a predominância do culto sobre a doutrina. Esse culto, Base da religião egípcia, era principalmente um culto local prestados aos deuses possuidores legítimos do solo. Outro traço fundamental dessa religião, ela e senhora das decisões humanas e dos acontecimentos, em resposta a isso os egípcios acreditavam que tudo no universo pertence aos deuses, que os mesmos são a fonte de toda a prosperidade, e a todo estante interferem nos negócios humanos.

O apego a tradição também é outra das suas características. Fórmulas e costumes antigos foram conservados por gerações sucessivas, mas isso não impediu o desenvolvimento de novas crenças, surgindo um sincretismo contraditório, onde se misturavam as crenças antigas e os ritos novos.

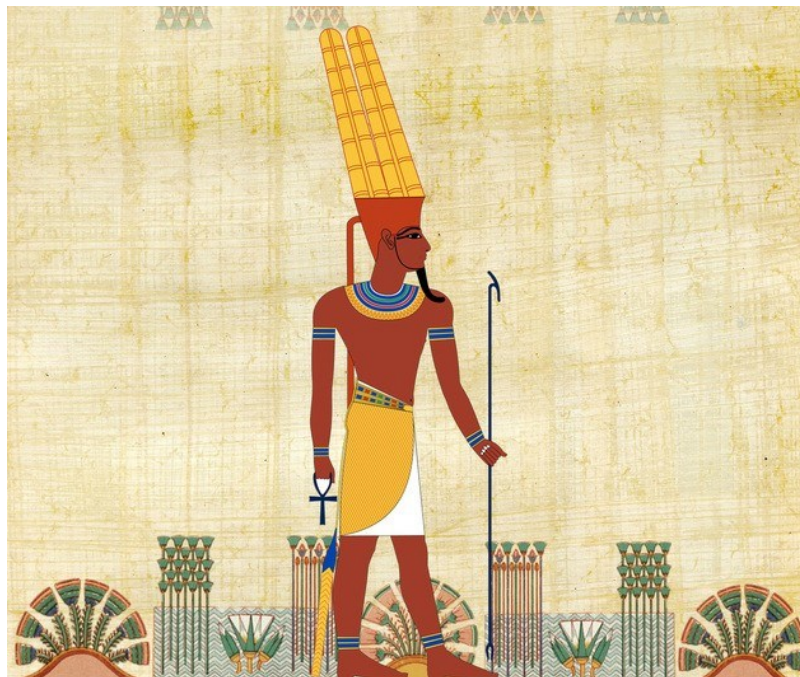
O panteão egípcio é povoado por um número indefinido de deuses, entre essas divindades podemos distinguir os deuses locais, os deuses cósmicos, os deuses estrangeiros, os gênios, os homens divinizados e os animais sagrados.

Os deuses locais são considerados divindades supremas dentro os limites de determinada região. Alguns desses deuses adquiriram prestígio nacional com a evolução política e a hegemonia de uma cidade sobre todo o país. Assim, a religião no antigo Egito, além de ter caráter politeísta, tinha um papel social fundamental, influenciando inclusive aspectos políticos, já que o próprio faraó, autoridade máxima da política, era considerado de linhagem divina.

Os deuses apresentavam dons e capacidades distintas, influenciando na vida como na morte das pessoas. A prova disso são os ritos de mumificação e a crença na reencarnação. Entre esses deuses, destacamos alguns que se apresentam a seguir.

O primeiro é Amon, deus de Tebas, que adquiriu prestígio nacional, tendo sido identificado como Rê, o sol, passando a denominar-se Amon-Rê. Era representado sob a forma humana.

Figura 10 – Ámon - O oculto



Fonte: HIPERCULTURA. Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias. Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018

O segundo é Anúbis, deus de Cinópolis, soberano do reino dos mortos e patrono da mumificação. Era representado como um homem com cabeça de chacal.

Figura 11 – Anúbis (deus dos mortos)



Fonte: HIPERCULTURA. Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias. Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Atum, deus de Heliópolis, identificado como sol da tarde. Sua imagem era de um rei com a dupla coroa.

Figura 12 – Atum



Fonte: MITOLOGIA COMENTAD. Egípcia. Disponível em: <<http://mitologiacomentada.blogspot.com/p/egipcia.html>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Deus falcão, deus de San-Behdet (Tell el-Balamun) no delta ocidental. Hórus era considerado o protetor da monarquia faraônica, tornou-se popular quando foi introduzido na lenda de Osíris e de Isis.

Figura 13 – Hórus (deus solar e dos céus)



Fonte: HIPERCULTURA. Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias. Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Isis, primitivamente deusa de uma região do delta oriental, mais tarde foi lembrada como esposa fiel de Osíris e a mãe de Hórus. É a mais famosa das deusas egípcias. Representada como uma mulher tendo na cabeça um hieróglifo de seu nome ou chifres liriformes com um disco solar.

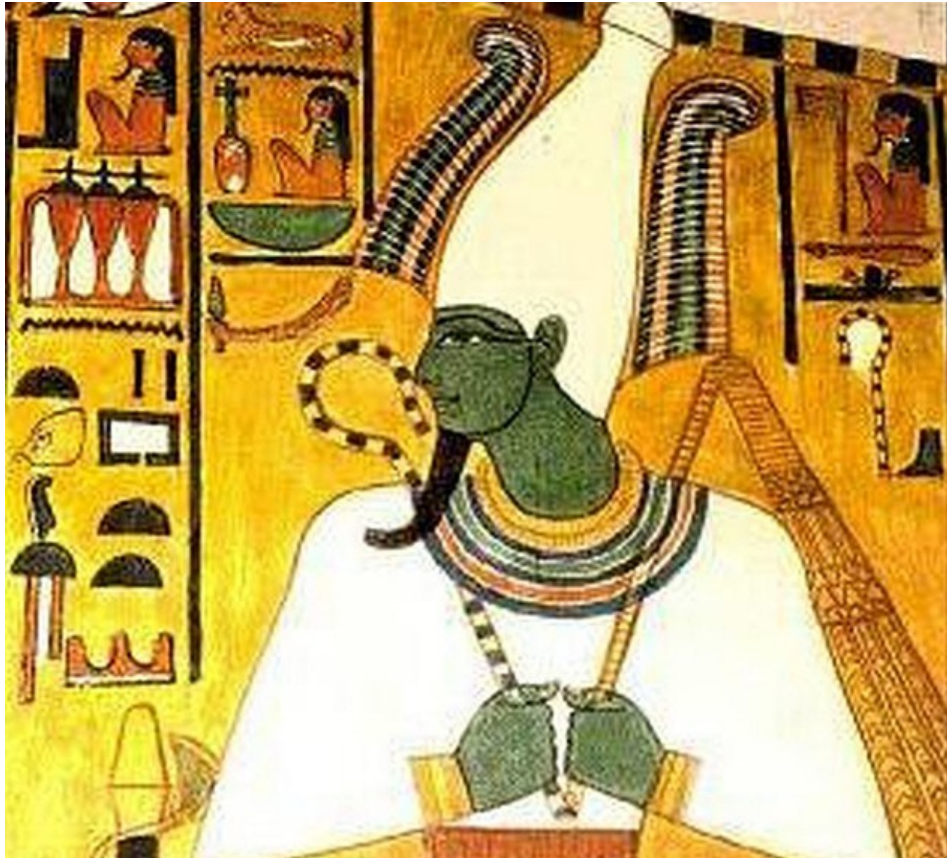
Figura 14 – Isis (deusa da fertilidade)



Fonte: HIPERCULTURA. **Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias.** Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Osíris, deus de Busiris no delta. Deus da fertilidade, juiz dos mortos, o mais popular deus do Egito antigo. Figurava no como um homem com a cabeça coberta por uma alta Tiara.

Figura 15 – Osíris - O deus da vida



Fonte: HIPERCULTURA. **Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias.** Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Ptah, deus de Mentis, era considerado o pai de todos os deuses, o grande deus dos tempos primordiais, o criador do mundo. O famoso touro Apis só foi venerado como a encarnação do deus Ptah, a partir do novo império.

Figura 16 – Ptah-Vulcano J. F. Champollion, Panthéon Égyptien, 1823



Fonte: DICCIONARIO DE SIMBOLOS Y TEMAS MISTERIOSOS. Ptah (egip.). Disponível em: <<http://diccionariodesimbolos.com/ptah.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Seth, deus de Ombros, aparece na lenda de Osíris. Representado sob a forma de um animal ainda não identificado ou sob a forma humana com a cabeça do tido animal.

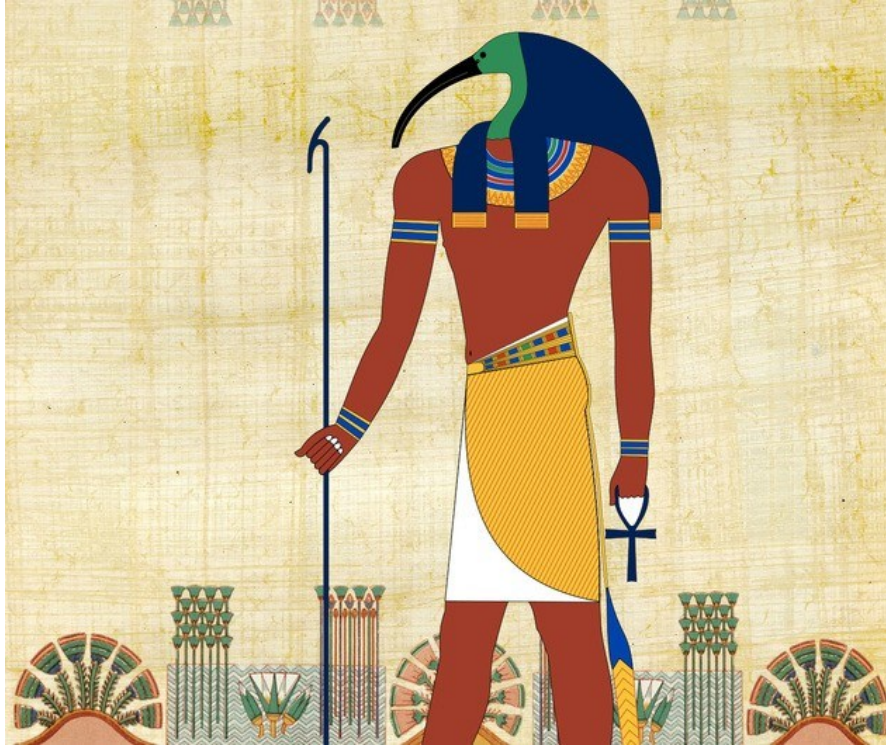
Figura 17 – Seth - O deus do caos



Fonte: HIPERCULTURA. Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias. Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Thoth, deus de Hermópolis, deus da escrita e do computo do tempo. (Havia Hermópolis do Delta e Hermópolis magna. Thoth era deus de ambas). Representado em forma humana com cabeça de íbis.

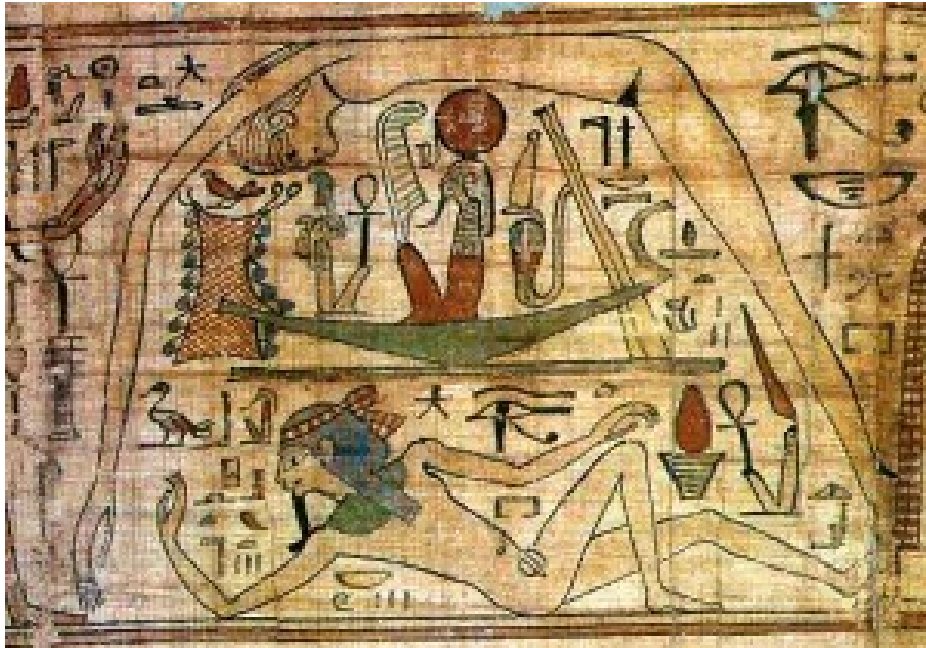
Figura 18 – Thoth - O deus do conhecimento e sabedoria



Fonte: HIPERCULTURA. Conheça os 14 principais deuses egípcios e suas histórias. Disponível em: <<https://www.hipercultura.com/principais-deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Os deuses cósmicos os deuses dos elementos que constituem o universo e não tinham nenhuma ligação com alguma região, e por isso não eram na maior parte objeto de culto. Alguns deles, entanto, confundiram-se, em épocas recuadas, com certos deuses locais. São esses alguns deuses cósmicos. Nun, oceano, que cercava o mundo, a água primordial, origem de todas as coisas. Nut, o céu, deusa, cujo o corpo gigante pende arqueado sobre a terra. Geb ou keb, a terra, deus, esposo de Nut.

Figura 19 – Geb e Nut – Papiro de Wespatrashouty no Museu do Louvre – Paris



Fonte: ANTIGOEGITO.ORG. Deuses Egípcios (Cosmogonia). Disponível em: <<https://antigoegito.org/deuses-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Figura 20 – Nut e Geb separados por Shu (The Gods of the Egyptians por E. A. Wallis Budge)



Fonte: ROSICRUCIAN EGYPTIAN MUSEUM. Deities in Ancient Egypt - Geb. Disponível em: <<https://egyptianmuseum.org/deities-geb>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Rê, o deus do sol, percorre o céu a noite e durante o dia em duas barcas diferentes. O culto de Rê estendesse talvez por que os soberanos da V dinastia o adoravam mais que os outros por descenderem de um sacerdote do sol. Outros deuses cósmicos eram Lâh (a lua), as estrelas (especialmente Sothis e Orion) e o ar.

Os deuses estrangeiros, nos centros cosmopolitas do Egito, especialmente em Mênfis, alguns deuses estrangeiros importados por soldados e comerciantes, principalmente a partir da XVIII dinastia, recebiam culto popular e as vezes até mesmo oficial. A título de exemplo citemos, Astarte deusa semita do amor e da guerra. Baal deus fenício das tempestades e dos combates. Identificado no Egito como Seth. Anat deusa guerreira de Canaã, chegou a ter um templo em Tânis dedicado por Ramsés II.

Os gênios, os egípcios acreditavam na existência de uma infinidade de gênios que interferiam na vida cotidiana. Havia por exemplo o gênio da fertilidade do solo, o gênio da inundação, o gênio da colheita, etc. Estas modestas deidades, criações do folclore ou sobrevivem de religiões desaparecidas, estavam mais misturadas a vida cotidiana do povo que os grandes deuses. Não possuíam santuários e não desempenhavam nenhum papel importante nas especulações de teólogos. Só excepcionalmente, e sobre tudo na baixa época, é que esses gênios encontraram as vezes, lugar nas representações dos templos ou dos túmulos.

Homens divinizados, entre os homens divinizados figurava em primeiro lugar os faraós. Considerados deus em vida, recebiam após a morte, um culto especial no seu templo funerário. O povo por conta própria, havia divinizado outros personagens lendários. Assim, por exemplo, Imhotep, o celebre arquiteto e o médico do rei Djoser, e Amenhotep, filho de Hapu, vizir de Amenofis III receberam um culto popular e, na época dos Ptolomeus, foram considerados como deuses.

Os egípcios foram politeístas (acreditavam em vários deuses) em todo o estágio de sua religião, com exceção do período em que o Faraó Akhenaton tentou impor o culto a um único Deus: Aton. Os egípcios adoravam deuses com a forma humana e deuses de corpo humano com a cabeça de um animal.

Figura 21 – Estátua de Imhotep que está no museu do Louvre.



Fonte: HISTÓRIA ZINE. Imhotep, o primeiro arquiteto do Egito. Disponível em: <<https://historiazine.com/imhotep-o-primeiro-arquiteto-do-egito-d11bf94d42ac>>. Acesso em: 02 nov.2018.

Os animais tinham muita força na cultura do Antigo Egito especialmente por ter suas imagens usadas para representar manifestações de alguns deuses cultuados pelos egípcios (zoolatria). Porém, nem todos os animais tinham relação com os deuses.

Acreditavam que os espíritos dos deuses passavam para os animais, por isso tinham um respeito enorme por esses seres. Muitos animais eram mumificados e até hoje os arqueólogos encontram dezenas deles intactos.

Bovinos, caprinos, ovinos, muares, cavalos, porcos ou aves de criação estavam encontravam-se há muito domesticados e no universo cotidiano dos egípcios, até mesmo aqueles animais selvagens ou exóticos, como leões, leopardos, chitas, serpentes, babuínos, girafas, crocodilos, que abundavam ao longo do rio Nilo.

Supõe-se que a primeira forma de adoração dos egípcios tenha sido a animais, por acreditarem que os animais tinham “dons mágicos” (como voar de encontro ao céu e nadar em profundas águas). Esse tipo de culto causou espanto a muitos povos da antiguidade, fazendo com que Heródoto escrevesse:

Os animais que se veem no Egito são todos sagrados – quer se trate de animais selvagens, quer de animais domésticos. Quanto saber por que lhes rende o culto.... se tentasse dizê-lo, eu teria que falar de coisas divinas, que não tenho nenhuma intenção alguma de abordar, se não - quando isso me aconteceu - constrangido. (GIORDANI, 1983, p. 108).

O culto oficial dos animais era dirigido a um só indivíduo da espécie, escolhido de acordo com determinados sinais e a seguir enaltecido no recinto sagrado separado do templo propriamente dito. Aí recebia oferenda de fies.

Esses animais tinham, acreditamos em seus adoradores, algo divino esse um deus decidisse se mostrar aos humanos, deveria fazê-lo na forma correspondente do seu ser. Mas, bem entendi um deus não reside em cada vaca ou em cada crocodilo, malgrado todo respeito com que um crente deve cercar esses animais, a carência e a necessidade são mais fortes do que a fé e, se um dia for necessário, ele abatera a vaca e matara o crocodilo, isso não será um crime. (GIORDANI, 1983, p. 109).

Figura 22 – Imagens de animais sagrados



Fonte: <http://cultura.culturamix.com/historia/animais-sagrados-do-antigo-egito>

Com o passar do tempo, passou-se a considerar sagrado não só um indivíduo de certa espécie, mas a espécie inteira. Explica-se assim as sangrentas lutas que, em pleno domínio de Roma, certos nomos mantiveram entre si por conta de seus animais sagrados. Sob Ptolomeu XII, um cidadão romano quase foi linchado pela multidão, por ter matado um gato. Ao morrerem os animais eram mumificados e sepultados em cemitérios especiais como pode-se ilustrar com o dos

bois Apis, em Menfis ou o dos macacos descobertos recentemente perto de Hermon.

Figura 23 – Crocodilos mumificados, expostos no Museu dos Crocodilos em Kom Ombo, ao lado das ruínas do Templo de Sobek.



Fonte: MAIRON PELO MUNDO CRÔNICAS DE UM BRASILEIRO MUNDO AFORA. Sobek E Os Crocodilos Mumificados Do Antigo Egito, Em Kom Ombo. Disponível em: <<https://maironpelomundo.com/2016/12/05/sobek-e-os-crocodilos-mumificados-do-antigo-egito-em-kom-ombo/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Figura 24 – Ícone milenar de granito com a imagem de um crocodilo. Hoje, no museu em Kom Ombo.



Fonte: MAIRON PELO MUNDO CRÔNICAS DE UM BRASILEIRO MUNDO AFORA. Sobek E Os Crocodilos Mumificados Do Antigo Egito, Em Kom Ombo. Disponível em: <<https://maironpelomundo.com/2016/12/05/sobek-e-os-crocodilos-mumificados-do-antigo-egito-em-kom-ombo/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Qual a origem desse culto e qual a razão de ser do mesmo? Há vestígios de épocas bem remotas da existência da zoolátrica no Egito. Como consta na pedra de palermo uma celebração ao deus Apis no fim da I dinastia. Talvez encontrássemos a origem do culto dos animais em uma época em que, sendo a estatuaria desconhecida buscava-se adorar os deuses em animais que representavam suas qualidades.

É provável que os animais sagrados tenha sido antigos deuses. Bérghson que se preocupou com essa questão, parece ter lhe dado uma resposta mais satisfatória quando escreveu: notar-se-á que em razão de propriedade característica que o animal e adorado. No antigo Egito o touro figura o combate, a leoa era a destruição, o abutre tão cuidadoso com seus filhotes era maternidade. (GIORDANI, 1983, p. 109).

No Egito era muito comum a utilização de lendas e contos para gerar uma identificação entre a população e as deidades. Os personagens dessas lendas são os próprios deuses que perderam seu caráter inacessível, ao serem apresentados com defeitos e virtudes próprios dos seres humanos. Tais lendas foram surgindo de diferentes regiões, se espalharam pelo país, e fundiram com outras tradições e constituíram um fundo lendário comum do povo egípcio. A própria religião oficial dos sacerdotes e dos templos não pode se subtrair as influencias popular. Pode-se afirmar que essas lendas transformaram os deuses em seres vivos com traços bem pessoais. Foram elas também que fizeram com que se tivesse simpatia por um deus e aversão por outro. E unicamente, graças a lenda que Isis se tornou uma deusa benevolente, Thoth o mais justiceiro de todos os juizes e Seth um deus do “mal”.

A lenda mais famosa tem como personagem central Osíris. São várias as versões da lenda, embora tenha sido incorporada desde cedo a religião oficial. Os textos das pirâmides aludem a versão da lenda como existia no antigo império, uma estela que se encontra no Louvre, permite reconstituir a narrativa como era conhecida sob a dinastia XVIII, a exposição do Plutarco apresenta a versão mais recente. Foram extraídos os pontos principais das diversas versões da lenda. Osíris filho mais velho de Geb (o deus-terra) e de Nut (a deusa-céu), tornou-se herdeiro de um império que abrange o universo todo. Rei justiceiro e vitorioso, e assistido por Isis sua fiel esposa.

Seth, irmão invejoso de Osíris, atrai o rei para uma cilada, matão e joga o cadáver na água. Segundo uma das versões, o cadáver é colocado num cofre que vai até a cidade fenícia de Biblos de onde é levado para o Egito por Isis. Osíris ressuscita, mas para reinar no além tumulo, onde vai julgar os mortos. Hórus filho de Osíris, castiga Seth e sucede definitivamente o pai ao trono. O povo egípcio se deixou seduzir por essa bela lenda, que demonstra características humanas e demonstra o preço das virtudes familiares, fidelidade conjugal, amor materno, piedade filial e por fim o triunfo da justiça. (GIORDANI,1983)

Para se entender a religião egípcia temos que conhecer duas sínteses teológicas que se destacam, são elas Heliópolis e Hermópolis. Heliópolis foi uma das cidades mais antigas do Egito e um centro religioso e intelectual importante. Seus teólogos ensinavam que na origem dos tempos existia um oceano tenebroso uma espécie de caos, massa líquida inerte chamada Nun, em virtude de seu poder, o sol (Atun) saio do caos primordial dando origem aos dois primeiros deuses que personificariam o ar e a umidade. Esses geram o céu e a terra, que por sua vez produzem Osíris, Isis, Seth e Nefts. Esses quatro deuses com Atun formaram a enseada divina de Heliópolis.

A doutrina de Hermópolis surge em uma reação contra a hegemonia heliopolitana. Segundo a teologia de Hermópolis, o sol teria saído de uma octoade de deuses que preparam sua vinda cujos os membros têm formas de três rãs ou de serpentes. Os deuses primitivos fizeram um ovo, e deste ovo nasceu o sol que, em seguida criou e organizou o mundo atual. Santuários como os de Menfis e Tebas sofreram a influência dessas duas doutrinas.

O outro período importante na teologia egípcia é o herético, inaugurado por Amenofis IV, que passou a se chamar Aquenaton (servidor de Aton). O conteúdo dessa crença se encontra em nos hinos e preces dos túmulos em Tell-el-Amarna; região onde foi fundada a capital para a divindade dominante. A inovação religiosa do reinado de Amenofis IV era o desenvolvimento do reinado de seu antecessor, que era contra o domínio de Amon e em favor das antigas tradições heliopolitanas de devoção ao sol. A reforma de Aton foi muito além da doutrina heliopolitana, considerou Aton, o disco solar, representado por um sol cujo os raios se terminam em mãos abaixadas para terra e prontas para ação como deus único e universal, prescrevendo o culto das demais divindades. Esse faraó é retratado como o reformador religioso, um espírito profundamente místico, embutido de ideias

humanitárias e igualitárias, que se formaram na concepção religiosa da igualdade dos homens diante de deus, ele se destaca inteiramente do plano nacional. (GIORDANI,1983).

Ele próprio, aliás egípcio por seus antepassados paternos, ariano pelo lado materno, semita por parte do avo, representa em sua pessoa todas as partes do império. Concebe o mundo como uma entidade submetido a um só deus que, sem dúvida, formou as etnias e as nações, mas do qual todos os homens são, sob o mesmo título, as criaturas. Libertando se do simbolismo e dos arcaísmos que embarcavam a religião egípcia, proclama o monoteísmo absoluto para o qual ela tendia. Realizando a maior revolução religiosa tentada por um soberano, aboliu o culto de todos os deuses, para substituí-lo unicamente pelo culto ao deus Aton, criador do mundo, que ele representa entre os homens.

Aton não é um deus novo e um deus supremo, tal como havia concebido a cosmogonia solar, mas reduzido a sua única qualidade de criador. Figurado pelo disco solar que dispensa aos homens, por seus raios, a vida e a justiça, e liberado de toda mitologia e de todo o simbolismo, é espírito puro. O culto que lhe prestado no decurso dos grandes ofícios públicos é, essencialmente um ato de fé, de esperança e de amor. O deus Akenatom age sozinho sem intermédios, diretamente. Foi o único demiurgo, continua a ser o único dispensador cotidiano da força vital a tudo que existe e que, por sua graça, renasce a cada aurora. Por seu lado, a natureza inteira manifesta gratidão, usando livremente o calor reencontrado, os seres humanos, indo ao trabalho, os animais pastando, as aves saltando dos ninhos, os barcos descendo ou subindo o rio, tudo entra em comunhão na harmonia universal por ele desejada e da qual é o supremo organizador. Esse é o retrato do monoteísmo, que não conseguiu se impor no Egito, porque o país não apresentava condições religiosas para o triunfo de tal crença.

No Egito, existiam dois tipos de culto: o oficial e o pessoal. O culto oficial se realizava no templo, verdadeiro palácio construído de pedra para durar uma eternidade, por que os deuses eram eternos. Teoricamente, o único sacerdote era o faraó, mediador da humanidade, mas, na verdade, o serviço religioso era realizado por vários sacerdotes.

Os sacerdotes foram sempre numerosos, podendo ser tanto homens quanto mulheres. Em geral, as sacerdotisas prestavam culto a uma deusa, e os sacerdotes a um deus, não sendo isso uma regra obrigatória. Os sacerdotes do

Egito enfrentavam um longo processo de capacitação e podiam constituir famílias como qualquer outra pessoa. Esses religiosos eram responsáveis pela adoração dos deuses e pela manutenção do templo, assim como pela realização dos festivais religiosos. Cumpriam também um papel com a comunidade local, realizando funerais, casamentos e fazendo o papel de curandeiros. A adoração aos deuses nos templos era restrita a eles.²

Sua influência e sua missão, entretanto, variavam de acordo com as diferentes épocas da história. Teoricamente o único sacerdote era o Faraó. A seu redor desde o antigo império foi surgindo uma oligarquia iniciada, por profissão, no ritual do culto e que foi aos poucos monopolizando a direção religiosa, apoderando-se dos templos e de suas terras, libertando-se cada vez mais da vigilância real.

No Reino Novo, uma verdadeira aristocracia hereditária de funcionários, sacerdotes e altos chefes militares cercava o rei e às vezes ameaçava seu poder. Há casos comprovados, embora esporádicos, de renovação dos quadros aristocráticos com pessoas de origem humilde, podendo em especial a carreira de escriba ou a militar abrir caminho à ascensão social; em geral, no entanto, tendia-se à constituição de verdadeiras castas hereditárias em todos os níveis do corpo social. (CARDOSO, 1985).

O ritual do culto prestado ao deus no templo era só presenciado pelos iniciados. O sacerdote, devidamente purificado e com vestes sumárias, penetrava no mistério do santuário e diante do ídolo de madeira dourada, de dimensões medias, praticava o ritual cotidiano, prosternava-se, espalhava unguentos sobre a estatueta, incensava a, recitava hinos de adoração. Até então a estátua não passava de um objeto inanimado. O sacerdote lhe dará vida, apresentado lhe sucessivamente o olho arrancado de Hórus, por seu inimigo Seth, e reencontrado pelos deuses, e uma estatueta de Maat, a verdade, filha de Ra. O deus e em seguida tirado para fora dos nãos. O oficiante procede a sua vestimenta como se fizesse a vestimenta do rei. Lava o, incensa, perfuma o, repõe nos nãos e coloca diante dele os elementos de uma refeição que era em seguida consumida inteiramente pelo fogo. Após as últimas purificações com natrão, com água e terebinto, o culto está terminado.

Os egípcios também abatiam vítimas, semelhança dos rituais semitas, tal ato, porém, se fazia a parte, sem ato religioso e sem maior interesse por parte da divindade. O povo egípcio não participava evidentemente das cerimônias dos

² A mulher na sociedade egípcia exerceu um papel muito importante e tinha praticamente os mesmos direitos dos homens, o que não ocorria em outras civilizações da mesma época. Elas chegaram a postos que só foram alcançados pelas mulheres novamente na sociedade atual.

santuários, entrava, em contato porem, com a divindade por meio das grandes festas tão características do Egito antigo. Os egípcios foram os primeiros a celebrarem as festas religiosas nacionais, as procissões em honra aos deuses ou a acompanhando as oferendas. Nesses dias, as estátuas divinas eram transportadas fora de seu recinto sagrado e os sacerdotes as depositavam-nas, durante o percurso das procissões, em capelas preparadas para o mesmo, nas quais recebiam a adoração do povo. O culto pessoal, os vestígios desses cultos foram encontrados em estelas e escaravelhos, porem esse culto encontrava um obstáculo na impossibilidade de entrada no recinto do templo, a grande massa de fieis deveria se contentar com as procissões, as capelas, as necrópoles e as estatuas divinas existentes nos lares.

As fontes para os estudos das crenças dos egípcios são inúmeras, em primeiro lugar temos os túmulos construídos em pedra para durarem eternamente, dentro dos túmulos temos as inscrições, formulas magicas, etc. Os textos das pirâmides, compilação do antigo império, gravada principalmente no interior das pirâmides da V e da VI dinastia, os textos dos sarcófagos, compilação que remontam a IX dinastia, O livro dos mortos, compilações que substituem os textos dos sarcófagos no início da XVIII dinastia, e as composições encontradas nos vales dos reis. Estes constituem as fontes para estudo das ideias dos antigos egípcios sobre o pós vida.

Os egípcios acreditavam que o ser humano era composto do corpo e de dois elementos espirituais e independentes da matéria que são o BA (representado por um pássaro com a cabeça humana) esse seria a alma, e o KA (no qual alguns egiptólogos vejam como como um reflexo imaterial do corpo, e outros mais recentemente, como um gênio protetor que nascia com o homem e que tomava conta dele após sua morte. Então nós fazemos a pergunta para onde iria a parte espiritual do homem a pós sua morte? É complexo resumir as transformações que a crença sofreu no passar dos milênios. Uma crença muito antiga estabelece que o princípio imaterial do ser humano continuava a vida, após a morte, mantendo uma relação com o cadáver. (GIORDANI,1983).

A crença na vida pós-morte também explica a preocupação dos egípcios com a conservação dos corpos, uma vez que a continuidade da vida estava condicionada a sua preservação na terra. Desse modo, era necessário que os corpos fossem cuidados, por isso os egípcios mumificavam seus mortos. Como dito,

segundo a cultura egípcia, o homem possuía duas “almas”, o BA e o KA, sem as quais ninguém poderia viver.

Figura 25 – KA



Fonte: Fatos curiosos. Essas são as 19 partes da alma humana (segundo os egípcios). Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/essas-sao-as-9-partes-da-alma-humana-segundo-os-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Figura 26 – BA



Fonte: Fatos curiosos. Essas são as 19 partes da alma humana (segundo os egípcios). Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/essas-sao-as-9-partes-da-alma-humana-segundo-os-egipcios/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Essa crença estava presente em todos os séculos da história egípcia e foi a ideia base para todas as realizações do funerário e da arte egípcia. O reino dos mortos era um reino subterrâneo onde os defuntos desempenhavam, atividades semelhantes as ocupações terrenas. Essas habilidades do mundo subterrâneo corriam, um certo perigo, morrer uma segunda vez, o equivaleria morrer definitivamente. Tal morte poderia ocorrer no caso de falta de alimentação e seria evitada pelas oferendas nos cultos funerários. Os vivos que não cumprissem suas obrigações estavam sob a vigilância e ameaça de castigo dos mortos.

Além da crença no reino subterrâneo dos mortos, existia também a crença em paraísos mais atraentes e acolhedores. Tais crenças se demonstravam em determinados cultos como o de Osíris e o culto do sol. O céu de Osíris se ficava no ocidente, região extraterrena, o reino de Osíris era identificado ora como o campo das oferendas ou ainda como Ialu que os gregos chamavam de campos Elíseos. Esse era o paraíso que Osíris reservava para os fiéis. Um dos episódios mais famosos da vida além tumulo está exposto na página 125 dos livros dos mortos, e o julgamento dos mortos. Neste está presente um aspecto moral da lenda osiriana introduzido na fé egípcia, onde não seria o homem mais poderoso e nobre que venceria a morte, mas o justo e o inocente.

A crença em Osíris, o deus dos mortos, existe desde o antigo império, mas só atingindo pleno desenvolvimento e aceitação no médio império. A famosa lenda do julgamento (psicotasia: passagem das almas) podemos descrever da seguinte forma, Osíris sentado no trono, preside a reunião assessorado por 42 juízes, estão presente também Hórus, Anúbis e Thoth e o devorador dos mortos, animal famoso cujo as diferentes partes lembra um crocodilo, um leão e um hipopótamo. Hórus e Anúbis apanha o coração do defunto e verificam, na grande balança, se a um equilíbrio entre o coração e a estátua ou outro símbolo da deusa da justiça Maat. Thoth o escriba dos deuses, anota o resultado e comunica a Osíris. O condenado e entre ao devorador de almas, o justificado e levado a Osíris por Hórus. Interessante a defesa que o defunto faz de si mesmo ao entrar na sala, e que consiste de duas condições negativas em que a alma proclama sua inocência. Assim, entre outras coisas, o defunto declara: “Não cometi injustiça contra os homens. Não maltratei os animais. Não fiz mal em lugar da justiça. Não blasfemei

contra deus. Não empobreci um pobre. Não fiz sofrer. Não fiz chorar. Não matei. [...]” (GIORDANI, 1983, p. 114).

Figura 27 – Pesagem do coração de Hunefer (19ª dinastia) – British Museum.



Fonte: Antigoegito.org. Mumificação – Julgamento (Rituais). Disponível em: <<https://antigoegito.org/mumificacao-rituais/>>. Acesso em: 02 nov. 2018

Os egípcios chegaram a compor um programa médio do seu destino além túmulo: passar o dia na sombra fresca de seu túmulo, aproveitando as provisões que seus descendentes trariam ou que a magia lhe procuraria, ao cair da noite chegar a barca do sol, nela tomar lugar para atravessar o horizonte, e penetrar com segurança nas regiões inacessíveis e perigosas do além, deter-se, se quiser no campo de Osíris ou em qualquer outro paraíso que pudesses encontrar um passatempo agradável, no momento em que o sol abandonasse esse paraíso fabuloso, que por sua vez iram ser mergulhados nas trevas, reentraria na barca de Rê, atravessar nela o horizonte e renascer com ela no dia terreno, apresar-se em fim em regresso ao seu túmulo sob a forma de um pássaro com a cabeça humana, que tradição emprestava a alma para essas peregrinações. Esse foi o ideal póstumo da maior parte dos egípcios a partir do médio império.

Como se constata, a religião do antigo Egito dominou diversos setores, influenciando consideravelmente o cotidiano da época. Essa religião se caracterizava principalmente pela insistência na imortalidade. Se Osíris, o Nilo e toda sua vegetação morriam e renasciam, por que não ser assim também com o

homem. A preservação dos cadáveres leva-nos a afirmar essa fé, que foi dominante por milhares de anos.

Assim, como visto, a crença na continuidade da vida pós-morte dominou as preocupações. A vida terrena era apenas uma etapa de uma jornada que continuaria e que, por isso, seria necessário levá-la da maneira mais justa possível. Os atos realizados em vida, inclusive, eram extremamente importantes, pois determinavam o destino de cada pessoa.

Entretanto, a travessia para a vida post-mortem só, era alcançado por meio do concurso de um barqueiro, mas esse barqueiro só dava passagem as criaturas que tivessem sido boas em vida, ou então Osíris examinava os mortos, pesando cada coração numa balança em que o peso de um dos pratos era uma pena. Os reprovados no exame tinham de permanecer sempre em seus túmulos padecendo fome e sede, sem numa mais ver o sol.

Pode-se dizer que os egípcios formaram uma civilização extremamente religiosa, não a separando do seu contexto social, econômico e político. Tudo era motivo religioso, desde o nascer até o pôr do Sol. A dependência dos egípcios em relação às cheias e vazantes do Rio Nilo explica é uma das formas para se explicar a deificação da natureza.

Para os egípcios, a vida poderia durar para sempre, desde que a alma encontrasse no túmulo o corpo destinado a servi-lhe de morada. Nesses túmulos eram colocados objetos necessários à vida após a morte, tais como alimento, roupas, entre outros. Nesse sentido, o ritual religioso ditava o ritmo da vida em sociedade.

A pluralidade também marcou a religião egípcia. Havia diversos templos, construídos em homenagem aos deuses. Cada cidade possuía um deus protetor, com poderes específicos, que influenciava as relações e comportamento das pessoas. A unidade política egípcia organizou em um só conjunto todos os grandes deuses que a sociedade deveria cultuar.

O religioso permeou os mais diversos aspectos da vida do egípcio que viveu outrora às margens do Rio Nilo. E a religião se fez presente, inclusive, na concepção do poder político. Assim, por exemplo, o Faraó era um deus, com tudo o que daí dimanava. Ele encarnava Hórus, cujo nome usava. Este dado embasou o seu caráter divino, e bem assim, a legitimidade do seu poder. (GAUDEMET, 1967).

Além disso, outros aspectos aqui abordados, ajudam a explicar o quanto importante foi a religião para os antigos egípcios. Homem e natureza deveriam conviver em harmonia para sempre. Tudo que rodeava os egípcios estava associado a deuses, como água, céu, terra, vida e morte. A religião tornou-se, assim, um elemento, de dimensão mais que cultural, pois alimentou intensamente e intimamente a dinâmica mental e social egípcia.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da relação entre a religião e o cotidiano social egípcio. Tudo estava marcado pela religião, encontramos-a em todos os estágios desde do totemismo a teologia. Observamos a influência, na literatura, no governo e na arte, a mesma se apresenta nas mais variadas formas.

Sendo assim, é impossível entender essa complexa civilização sem o estudo da sua religião. Para a representação da sua crença os egípcios se utilizaram das ilustrações nas paredes dos templos e pergaminhos, que podiam ser lidas por aqueles que não sabiam ler os Hieróglifos. Os fragmentos de textos deixados trazem até nós o conhecimento sobre a religião praticada pelos egípcios, mas os demais objetos, sítios e edifícios desse povo também nos fornecem ricas informações.

Observamos que as crenças e os aspectos da religião no Egito aproximam-se de sua vida nas areias do deserto, tendo como sol (o dia) e o céu estrelado (a noite) sempre presente, sem esquecermos do ritmo agrário trazido pelo rio Nilo bem como as características da fauna e flora nativa. Destacou-se indícios das práticas e crenças no período pré-dinástico tais como o culto as sepulturas, objetos que representavam os deuses e o culto ritualístico.

No período dinástico, destacamos: a crença no deus único, criador do universo ordenado, de onde gerou a multiplicidade dos seres; que os atos sociais e construções atuavam como representantes simbólicos; os centros religiosos e suas respectivas cosmologias, a crença na ordem cósmica e bem como a crença no ciclo da natureza, nascimento-morte-renascimento, e como entendiam a divisão dos mundos criados, finalizamos com o entendimento sobre a relação intrínseca entre a religião e o cotidiano social egípcio.

Longe de pretender abarcar (ou mesmo resumir) todo o universo da religião dos antigos egípcios e seus inúmeros aspectos, destacamos, conforme o objetivo do trabalho, apenas algumas das características que fazem parte da teologia egípcia como fator civilizatório. Mas dentre os diversos vestígios deixados, há possibilidades para outras interpretações sobre esse período histórico, tão rico e repleto de misticismo e simbolismos.

REFERÊNCIAS

MOKHTAR, Gamal. **História geral da África, II: África antiga**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Sociedades do antigo oriente próximo**. 2. ed. São Paulo: Atica, 1988.

_____. **O Egito antigo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DURANT, Will. **A história da civilização I: nossa herança oriental**. Rio de Janeiro: Editora record, 1963.

GAUDEMET, Jean. **Institutions de l'Antiquité**. Paris: Sirey, 1967.

GIORDANI, Mario Curtis. **História da antiguidade oriental**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.